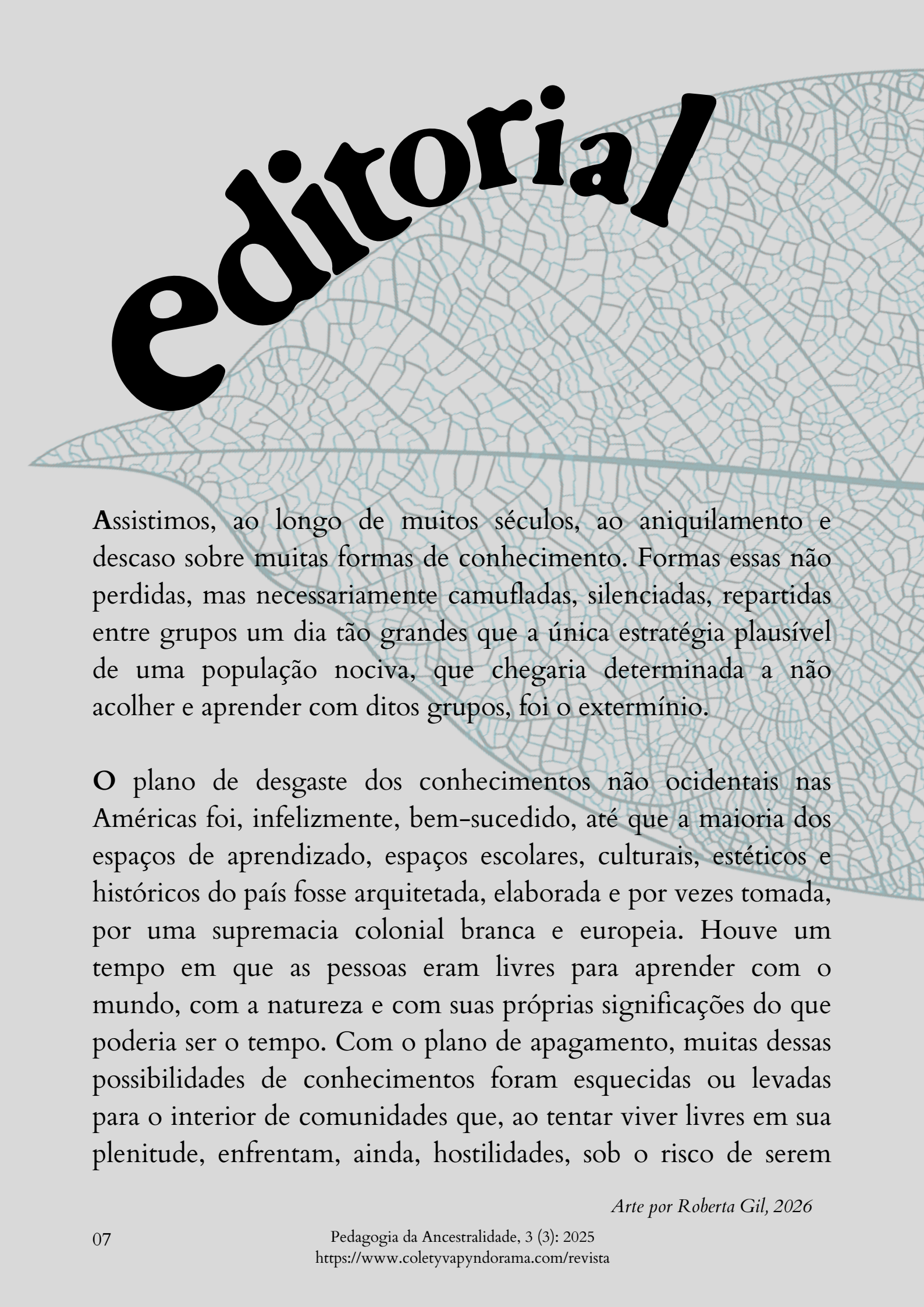


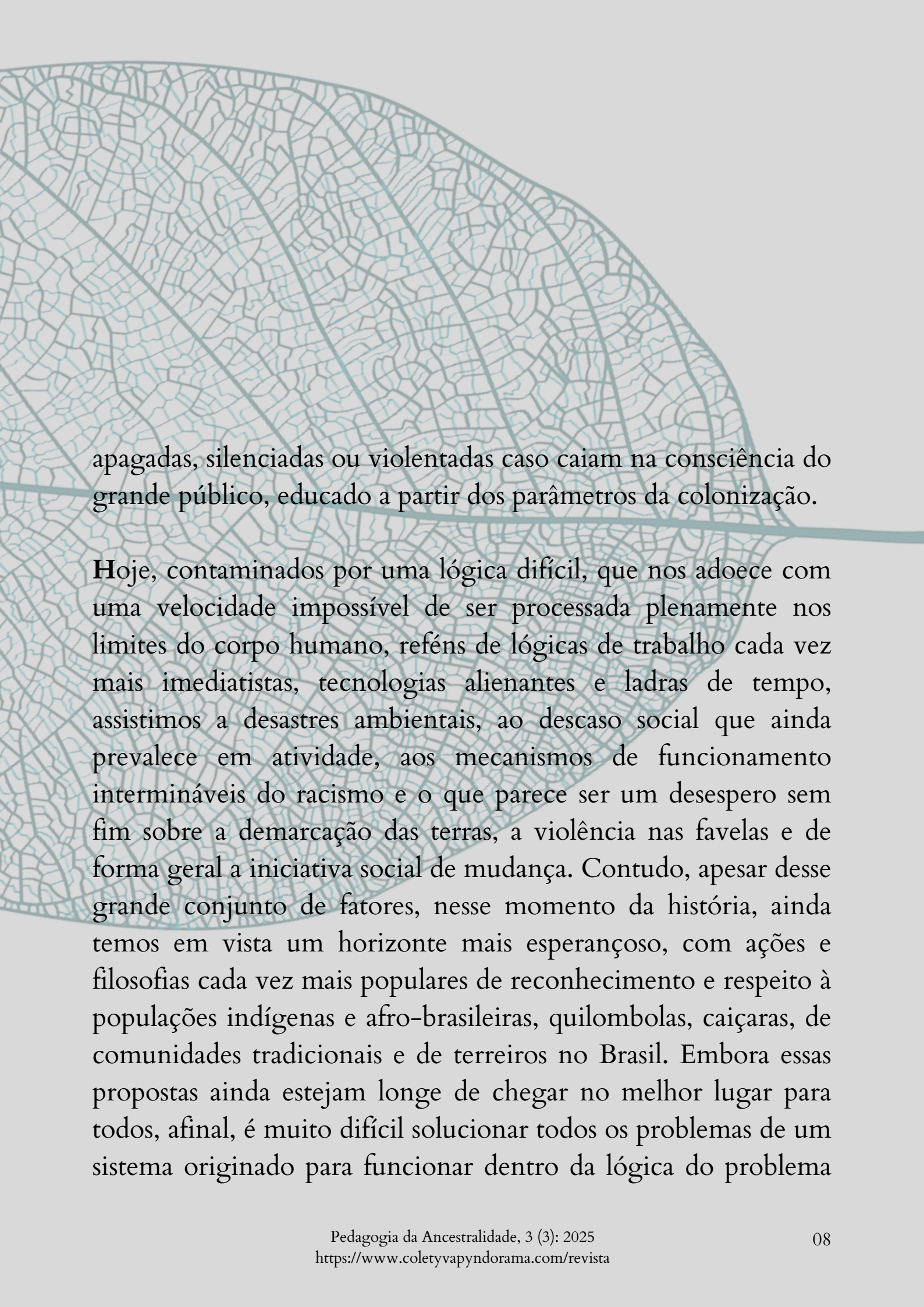
editorial/



Assistimos, ao longo de muitos séculos, ao aniquilamento e descaso sobre muitas formas de conhecimento. Formas essas não perdidas, mas necessariamente camufladas, silenciadas, repartidas entre grupos um dia tão grandes que a única estratégia plausível de uma população nociva, que chegaria determinada a não acolher e aprender com ditos grupos, foi o extermínio.

O plano de desgaste dos conhecimentos não ocidentais nas Américas foi, infelizmente, bem-sucedido, até que a maioria dos espaços de aprendizado, espaços escolares, culturais, estéticos e históricos do país fosse arquitetada, elaborada e por vezes tomada, por uma supremacia colonial branca e europeia. Houve um tempo em que as pessoas eram livres para aprender com o mundo, com a natureza e com suas próprias significações do que poderia ser o tempo. Com o plano de apagamento, muitas dessas possibilidades de conhecimentos foram esquecidas ou levadas para o interior de comunidades que, ao tentar viver livres em sua plenitude, enfrentam, ainda, hostilidades, sob o risco de serem

Arte por Roberta Gil, 2026



apagadas, silenciadas ou violentadas caso caiam na consciência do grande público, educado a partir dos parâmetros da colonização.

Hoje, contaminados por uma lógica difícil, que nos adoece com uma velocidade impossível de ser processada plenamente nos limites do corpo humano, reféns de lógicas de trabalho cada vez mais imediatistas, tecnologias alienantes e ladras de tempo, assistimos a desastres ambientais, ao descaso social que ainda prevalece em atividade, aos mecanismos de funcionamento intermináveis do racismo e o que parece ser um desespero sem fim sobre a demarcação das terras, a violência nas favelas e de forma geral a iniciativa social de mudança. Contudo, apesar desse grande conjunto de fatores, nesse momento da história, ainda temos em vista um horizonte mais esperançoso, com ações e filosofias cada vez mais populares de reconhecimento e respeito à populações indígenas e afro-brasileiras, quilombolas, caiçaras, de comunidades tradicionais e de terreiros no Brasil. Embora essas propostas ainda estejam longe de chegar no melhor lugar para todos, afinal, é muito difícil solucionar todos os problemas de um sistema originado para funcionar dentro da lógica do problema

em si, há uma proximidade maior de conexão entre as pessoas, tanto em representatividade quanto em simbolismo.

O papel crítico dos espaços de compartilhamento e comunicação é, desde sempre, gerar novas possibilidades entre nós. Há, na palavra, ainda que a palavra esteja momentânea ou permanentemente na língua do colonizador, uma questão poderosa: a reunião de significados. A retomada de conhecimentos atuando pelo compartilhamento e apreciação coletiva. Ao sabermos uns dos outros, nos unimos em direção ao universo que nos contempla nesse horizonte que ainda não conseguimos explorar, mas sabemos que nos aguarda.

Da mesma forma, o que antecede a palavra é uma dinâmica ainda mais multifacetada de significados, onde a partir de nossas cosmovisões, podemos elaborar imagens, itens, fotografias, artes manuais, cerâmicas, pinturas, desenhos, colagens e outras produções que originam diferentes universos. Diante de uma realidade não uniforme, propomos aqui, então, um espaço que evita a conformidade, e mais uma edição da revista acontece a partir de premissas diversas. Como toda versão, temos espaços para os artigos, para os poemas, para outras poesias e para as nossas artes, todas produzidas por integrantes do Curso de Extensão Pedagogia da Ancestralidade, da disciplina de pós-graduação de mesmo nome e/ou da Coletyva Pyndorama. O trabalho da revista sempre foi e sempre será colaborativo, em um sentido de que a revista não existe sem um grupo enorme de pessoas, cada uma com seu parâmetro de conhecimento, compartilhamento e universo.



Agradecemos aos participantes do curso, aos ensaístas, pesquisadores, poetas, colagistas, pintores, artistas visuais múltiplos, escritores e todos de alguma forma envolvidos neste número da revista; esperando que este espaço funcione enquanto conjunto de questionamentos e apreciações, outras visões políticas e incentivador de não só outros textos, porém ainda mais artes e cada vez mais diálogo, cada vez mais expansão de territórios simbólicos de dispersão de conhecimentos tecidos como o que são: uma grande rede articulada pelos sonhos e histórias da humanidade. Sempre com respeito e enfatizando a diversidade como somos e como poderemos, em continuidade, permanecer eternos caminhantes na vida.

Roberta Gil